

## Metapsicologia e teoria da cultura: um encontro possível?

Maria Vilela Pinto Nakasu

E-mail: marianakasu@hotmail.com

**Resumo:** Por ter sido considerada fruto de material especulativo, a segunda teoria das pulsões conduziu Freud a olhar criticamente e a duvidar da validade de suas hipóteses conceituais. A pulsão de morte apresenta-se para o fundador da psicanálise como um conceito problemático, se comparado a Eros. As atividades das pulsões de vida são mais facilmente apreensíveis do que as atividades de Tânatos. Das pulsões de morte se apreende o silêncio apenas, anuncia Freud em *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]). Contudo, a ausência de alvos e objetos fixos da pulsão de morte parece não implicar a inexistência de manifestações ou de efeitos. Com este trabalho, pretende-se sustentar que é fundamentalmente pela via de sua exteriorização, como “pulsão destrutiva”, que a pulsão de morte irá se insinuar. E será, sobretudo, no domínio da cultura e das relações intersubjetivas que ela aparecerá mais amplamente, reunindo elementos para reivindicar sua universalidade.

**Palavras-chave:** Freud; cultura; pulsão de morte; destrutividade; guerra.

**Abstract:** The fact that the theory of pulsions turned out to be the result of speculative material leads Freud to look critically and doubt the validity of his hypotheses. Death pulsion presents to the psychoanalysis founder as a complex problem when compared to Eros. The activities from the latter group of pulsions are easier to grasp than those of Thanatus. From death pulsions only silence is apprehended, announces Freud in *Civilization and its discontents* (1930). However, the absence of targets and fixed objects of death pulsion

does not seem to imply in the inexistence of manifestations or effects. With this work, we intend to argue that it is fundamentally by means of its exteriorization, as destructive pulsion, that the death pulsion will insinuate itself. And above all, it is in the realms of culture and intersubjective relations that it will chiefly come out, putting together elements to call for its universality.

**Key-words:** Freud; culture; death pulsion; destructivity; war.

No final de *Além do princípio do prazer* (1920), refletindo criticamente sobre as hipóteses apresentadas nesse texto, Freud diz não estar convencido da veracidade de suas teses, não reivindicando o mesmo grau de certeza que reivindicou nos dois primeiros passos dados pela teoria das pulsões: a divisão entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação, e a hipótese da libido narcísica e da libido de objeto. Tais formulações resultaram, segundo ele, da tradução direta da observação para a teoria. Já a hipótese de Eros e das pulsões de morte, ainda que tenha se pautado na observação de fenômenos repetitivos, foi elaborada mediante a combinação de material concreto e material especulativo. Freud sublinha que, se feita repetidas vezes, essa combinação tende a tornar os resultados de uma teoria cada vez menos fidedignos. Reiterando a provisoriedade de sua teoria, ele afirma: “Podemos ter dado um golpe de sorte ou haver-mos extraviado vergonhosamente” (Freud 1920, p. 56). A substituição de termos psicológicos por expressões químicas ou fisiológicas, na opinião de Mezan (1985), diminuiu as deficiências da exposição freudiana, e o recurso à biologia contribuiu para aumentar a incerteza da especulação, por esta ser, nas palavras de Freud, “[...] uma terra de impossibilidades ilimitadas” (Freud 1920, p. 59). A biologia poderia tanto confirmar as hipóteses psicanalíticas como rejeitá-las. Ao final de *Além do princípio do prazer*, o autor insinua que essa ciência parecia auxiliar na validação de suas hipóteses: “Bem, não posso negar que algumas das analogias, correlações e vinculações que ela, a biologia, contém pareceram-me dignos de consideração” (ibid.).

A segunda teoria das pulsões foi considerada por Freud fruto de material especulativo. Impossibilitado de traduzi-la em expressões químicas ou fisiológicas e ciente de que as teses da biologia aumentavam as incertezas de suas especulações, Freud duvida sobre a validade de suas hipóteses. Todavia, a maneira pela qual essa teoria aparece nos textos posteriores a *Além do princípio do prazer* (1920) sugere que foi tomada como fundamento na interpretação dos fenômenos que recaem sob o olhar da psicanálise. Lemos, por exemplo, em *O ego e o id*: “Desenvolvi ultimamente uma visão das pulsões que sustentarei aqui e tomarei como base de meus debates ulteriores” (Freud 1923, p. 43). E, ao final da obra, no *Esboço de psicanálise*: “Depois de muito hesitar e vacilar, decidimos presumir a existência de apenas duas pulsões básicas, *Eros e a pulsão destrutiva*” (Freud 1940 [1938], p. 146).

Suspeitamos que uma das dificuldades encontradas por Freud na validação da segunda teoria pulsional relaciona-se a um aspecto da pulsão de morte que difere da pulsão de vida e que é parcialmente reconhecido em *Além do princípio do prazer* (1920). Recorrendo ao Princípio do Nirvana, Freud empenha-se, no texto metapsicológico, em encontrar um exemplo da pulsão de morte nos fenômenos do sadismo e do masoquismo – ainda que, nesses casos, a pulsão apareça deslocada. Com exceção dessa passagem do texto, o autor não identifica outros exemplos de atuação da pulsão de morte e nem justifica as razões pelas quais essa pulsão precisa ser exemplificada. Parece haver um aspecto da pulsão de morte que difere de Eros e que chama nossa atenção. Com relação a esse aspecto, Freud dirá o seguinte em *O mal-estar na civilização*:

Não era fácil, contudo, averiguar a atividade da pulsão de morte que havíamos suposto. As exteriorizações de Eros eram mais visíveis e ruidosas; poder-se-ia presumir que a pulsão de morte operava silenciosamente dentro do ser vivo no sentido de sua destruição. (Freud 1930 [1929], p. 115)

Uma diferença marcante entre as expressões de Eros e da pulsão de morte evidencia-se aí: as atividades do primeiro grupo são mais

facilmente apreensíveis do que as do segundo. Das pulsões de morte se apreende o silêncio apenas. Em *O ego e o id*, essa idéia é reiterada uma vez mais: “As pulsões sexuais ou Eros são as pulsões mais chamativas, mais fáceis de notar e de ter notícias [...]. Na segunda classe de pulsões encontramos dificuldades para pesquisá-las” (Freud 1923, p. 41). E, finalmente, no *Esboço de psicanálise* (1940 [1938]), Freud afirma que o acompanhamento dos destinos da libido se dá mais facilmente do que o acompanhamento dos destinos da energia da pulsão de morte, pois esta última permanece muda, produzindo efeitos no interior, e só aparece ante nós ao se voltar para fora como pulsão de destruição. Tudo isso devido a uma necessidade objetiva para a conservação do indivíduo. O aparelho muscular estaria a serviço desse intuito. A ação das pulsões de morte são descritas como silenciosas, como uma atividade que não deixa vestígios. Uma energia “muda”, nas palavras de Ricoeur (1965), que se encontra em franca oposição ao “clamor” da vida. Essa defasagem entre a pulsão de morte e suas expressões, continua o comentador, “[...] entre o desejo e a palavra – significado pelo epíteto ‘mudo’ – nos adverte que a semântica do desejo já não tem aqui o mesmo sentido. Ou seja, o desejo de morte não fala como o desejo de vida. A morte trabalha em silêncio” (Ricoeur 1965, p. 245).

Se a pulsão de morte pode se afirmar como conceito, é preciso que dê provas do seu valor heurístico, servindo como princípio para interpretar ao menos uma parte dos fenômenos sobre os quais a psicanálise se debruça. Não é outra senão essa a razão pela qual, para Mezan (1985), Freud se vê na contingência de buscar um exemplo – não uma confirmação – da atividade da pulsão de morte. A cultura será o espaço privilegiado na identificação de tais exemplos, que se aproximam daquilo que Monzani (1989) denomina “derivados da pulsão de morte”, mais do que da pulsão de morte propriamente dita. A ausência de alvos e objetos fixos da pulsão de morte não implica, contudo, a inexistência de manifestações ou efeitos. Será fundamentalmente pela via da exteriorização que essa pulsão irá se insinuar. É como “pulsão destrutiva” que a pulsão de morte se faz

mais visível e será no domínio da cultura e das relações intersubjetivas que ela aparecerá mais amplamente. Como sugere Ricoeur, “a cultura será um terreno privilegiado, palco do embate entre Eros e a pulsão de morte” (1965, p. 247). Nela, as duas pulsões assumem formas antes não vistas, dada a especificidade do contexto. E, nesse movimento, o sentido do conceito de pulsão de morte se amplia. A cultura parece ser o espaço privilegiado para Freud reunir elementos que lhe permitam reivindicar a universalidade dessa noção.

No processo de teorização da pulsão de morte, progressivamente, o fenômeno da agressividade tem sua importância acentuada na obra de Freud. Quando o conceito é introduzido em *Além do princípio do prazer* (1920), é no contexto da discussão das experiências repetitivas e de especulações biológicas. De difícil detecção, essa pulsão trabalha em silêncio, no sentido da destruição do indivíduo. As dificuldades de apreender os derivados da pulsão de morte no plano dos sintomas, sádicos e masoquistas – dado que a mistura com Eros é sempre inevitável –, e no plano de uma argumentação biológica, parecem conduzir Freud a deslocar sua atenção da noção de compulsão à repetição para a noção de agressividade e destrutividade. E aqui estamos de acordo com Mezan, para quem

[...] a dificuldade de captar o funcionamento da pulsão de morte no nível intrapsíquico, dado que só se submete à percepção quanto “tingida de erotismo”, e o risco de deriva metafísica implícito no recurso a uma biologia especulativa, fazem com que Freud se volte cada vez mais para o registro da agressividade, na tentativa de perseguir os rastros do novo princípio, postulado a partir de exigências tão fundamentais. (Mezan 1985, p. 449)

O conceito de pulsão de morte só se desenvolve e só tem condições de ser mais bem elucidado e elaborado a partir do momento em que o foco recai sobre sua forma de exteriorização, isto é, com a introdução dos conceitos de pulsão agressiva ou pulsão destrutiva em *O problema econômico do masoquismo* (1924). O que ganha relevo para Freud são as formas de exteriorização dessa pulsão, a energia pulsional sendo direcionada ao

exterior, à destruição do objeto externo. Baseando-se no conceito de Eros como princípio de coesão e de pulsão de morte como instrumento de análise dos componentes destrutivos, o autor sugere que, além do homem exercer sua agressividade no âmbito erótico, é também, e sobretudo, no domínio social que ele a exerce, “no domínio das relações que estabelece com seus semelhantes e que se revelam no que denomina ‘a civilização’” (Mezan 1985, p. 449). Por esse motivo, Freud parece se voltar cada vez mais para a esfera da cultura, de mais fácil acesso para a observação e análise da pulsão mortífera.

É com reservas que Freud admite, em *O mal-estar na civilização*, que adotará a tese da pulsão de morte na interpretação dos fenômenos da cultura. Ele ressalta: “Como a afirmação da existência da pulsão se baseia principalmente em fundamentos teóricos, temos também de admitir que ela não se acha inteiramente imune a objeções teóricas [...]. A pesquisa e a reflexão futuras indubitavelmente trarão novas luzes decisivas sobre esse tema” (1930 [1929], p. 117). Toda essa prudência, na opinião de Enriquez (1983), provém do enorme risco que Freud corre com essa obra, ao introduzir a hipótese especulativa da pulsão de morte no domínio da cultura. Malgrado os riscos, Freud não deixa de sustentar que a inclinação agressiva, disposição pulsional autônoma e originária do ser humano, é o maior obstáculo à cultura. E, para transpor esse obstáculo, a cultura cria uma série de estratégias para diminuir sua força. A religião, o mandamento de “amar ao próximo como assim mesmo”, e a instalação do superego, produtor do sentimento de culpa, são os exemplos mais significativos nesse sentido.<sup>1</sup> Porém, mesmo que a cultura adote métodos para inibir a agressividade, Freud interroga, no final do texto, até que ponto os homens

---

<sup>1</sup> As representações religiosas são consideradas os inventários psíquicos mais importantes de uma cultura: tentam responder às indagações humanas e proteger os homens do desamparo infantil. Diminuindo o valor da vida, a religião promove a felicidade, desfigurando delirantemente o mundo real e infantilizando as pessoas. As idéias divinas auxiliam os homens a suportarem mais a vida e os protege dos prejuízos da natureza, das ameaças do destino e da própria sociedade. Essa idéia específica encontra-se em *O futuro de uma ilusão* (1927).

conseguirão dominar a perturbação causada pela pulsão de agressão e autodestruição. E declara: “[...] espero que Eros afirme sua força contra o imortal adversário, ainda que ninguém possa prever o resultado” (Freud 1930 [1929], p. 117).<sup>2</sup>

Quando o fenômeno da guerra torna-se objeto de análise em *Por quê a guerra?* (1933 [1932]) – carta-resposta a Einstein, na qual este indaga a Freud como evitar os estragos da guerra –, observa-se a mesma opinião com relação ao futuro e à superioridade da força de Tânetos. Esse texto parte das mesmas premissas dos textos culturais anteriores, *Psicologia das massas e análise do ego* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1930[1929]): a idéia segundo a qual a cultura edifica-se sobre a sufocação das pulsões. Algumas questões de *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915a) são aprofundadas nessa carta, redigida dezessete anos depois, mas, no que tange ao seu conteúdo essencial, ela não traz grandes inovações. Freud já havia afirmado, em *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915a), que a pulsão de agressão se expressa de forma livre no fenômeno da guerra, ultrapassando a barreira e a pressão exercidas pela cultura. A guerra é considerada um evento que destrói parte do patrimônio físico cultural e vínculos

<sup>2</sup> Nenhuma civilização pode suprimir toda agressividade humana, diz Freud em *O mal-estar na civilização*. Pode-se suprimir uma parcela da agressividade recalando-a ou introjetando-a como superego, porém, haverá sempre uma parcela da pulsão, uma “sobra”, não assimilável pela cultura. Num texto intitulado “Notas sobre a relação entre cultura e metapsicologia”, Gabbi Jr. (1997) assinala que, na medida em que sempre haverá um resíduo das representações sexuais que se furtará a ser associado às representações de palavra, a teoria social de Freud é compelida a pensar “[...] que o ser humano não pode nunca ser totalmente assimilado pela cultura, dado que ele só o seria se fosse possível nomear de forma exaustiva o sexual (p. 32). As pulsões de morte, diferentemente de Eros – que reúne as pulsões sexuais e suas expressões libidinais –, são carentes de representações. Poderíamos supor que, por serem carentes de representações, por serem silenciosas e de difícil detecção, elas se associam ainda menos, do ponto de vista metapsicológico, às representações de palavra. Associando-se pouco às representações de palavra, as pulsões de morte terão ainda menos chances de serem assimiladas pela cultura; sempre sobrarão uma parcela não reprimida, pronta para ser exteriorizada e implantar o caos.

interpessoais. Respondendo a algumas indagações de Einstein, que se diz impactado com os horrores da Primeira Grande Guerra e com a impotência da Liga das Nações para impedir o uso da violência generalizada, Freud apóia-se na segunda teoria das pulsões para interpretar os atos bélicos então presentes. Ele apenas repete o que já havia dito: “O ser vivo preserva sua própria vida destruindo a alheia, por assim dizer” (Freud 1933 [1932], p. 194). Todavia, ao repetir essa opinião, o autor também discrimina pontos interessantes a respeito das pulsões agressivas, identificando de que forma elas operam e sob quais circunstâncias. As formas são inúmeras: guerras civis, guerra entre nações, guerras religiosas, violência da classe dominante contra a classe submissa, etc. Lemos na carta a Einstein: “A história da humanidade nos mostra uma série incessante de conflitos entre um grupo social e outro, ou vários, entre unidades maiores e menores, municípios, estados, linhagens, povos, reinos, que quase sempre se decidem mediante a confrontação de forças na guerra” (ibid., p. 190). A inclinação pulsional do homem é satisfeita com a morte do inimigo, com a eliminação da parte rival e a conseqüente vitória de uma das partes. A violência manifesta-se através da morte do outro grupo ou pelo submetimento ao inimigo. Quando o indivíduo, que abre mão da liberdade pessoal de usar sua força como violência para preservar uma convivência segura, depara-se com o emprego de poder desigual na comunidade, ele renuncia à supressão de suas pulsões e se rebela contra os dominadores – tese já anunciada em *Psicologia das massas e análise do ego* (1921). Esses são “os produtos da violência”. Os motivos são, resumidamente, os conflitos de interesse. A pulsão agressiva entra em cena, promovendo a guerra, sempre que há disputas de interesses. E como as relações entre os homens são mediadas por disputas de interesses e poder, o conflito resulta inevitável. Para combatê-lo e trabalhar contrariamente à guerra, Freud sugere reforçar a tendência à multiplicação, à união e à ligação entre as pessoas: “Se o desejo de aderir à guerra é um efeito da pulsão destrutiva, a recomendação mais evidente será contrapor-lhe o seu antagonista, Eros. Tudo

que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens deve atuar contra a guerra” (ibid., p. 196), conclui.<sup>3</sup>

A história da humanidade nos mostra uma série incessante de conflitos, continua Freud na resposta a Einstein: “Há ações em que se encontra o prazer em agredir e destruir; inumeráveis crueldades da história e da vida quotidiana confirmam sua existência e sua intensidade” (Freud 1933 [1932], p. 195). E aqui parece que Freud anuncia a resposta que estávamos procurando. Ao afirmar que inumeráveis crueldades da história e da vida quotidiana confirmam a existência e a intensidade do prazer em destruir, da pulsão de destruição, o autor parece reunir mais elementos para justificar a favor da fidedignidade da hipótese da pulsão de morte. Em *Além do princípio do prazer*, ele comenta que a pulsão de morte, ainda que se tenha pautado na observação de fenômenos repetitivos, foi elaborada mediante a combinação de material concreto e material especulativo. Ora, parece que, reunindo todas as ações cruéis da história e da vida quotidiana sob a rubrica de “tendências à crueldade”, Freud amplia o rol daquilo que denomina “material concreto”, reivindicando um grau de maior certeza para suas teses. Os fenômenos mediante os quais a pulsão de morte se manifesta são todos aqueles marcados pelo signo da crueldade; e no processo histórico e na vida quotidiana não faltam exemplos de tais fenômenos. Nas guerras violentas que se sucederam ao longo dos séculos

<sup>3</sup> Nesse caso, trata-se de incentivar as ligações de sentimentos, as identificações entre os homens e as ligações libidinais de meta inibida. E aqui ele reafirma uma opinião que remonta a *O futuro de uma ilusão*: “O ideal seria uma comunidade de homens que submetesse sua vida pulsional à ditadura da razão” (Freud 1927, p. 28). Trata-se de uma esperança utópica, que ele próprio reconhece. Segundo Enriquez, em *O mal-estar na civilização*, o tom muda com relação a *O futuro de uma ilusão*, em que haveria uma esperança de reconciliação do homem consigo mesmo e com seus semelhantes, por intermédio da reflexão científica desapaixonada. Sobre o texto *O mal-estar na civilização*, Enriquez afirma: “não há mais reconciliação possível, nem a certeza em uma civilização que finalmente alcança a era científica [...]. Esta obra, pelo contrário, situa-se sob o signo da *tragédia* (e mesmo do destino inexorável), ao visualizar a possibilidade do fim da espécie humana pelo processo civilizador” (Enriquez 1983, p. 96).

e nas modalidades de conflitos existentes na vida familiar, nos grupos, nas instituições, Freud identifica não somente a existência de Tãatos, mas, igualmente, sua enorme força de ação. Nesse sentido, a tendência mortífera antes definida nos domínios dos organismos vivos e das perversões sexuais passa a ser situada com mais ênfase entre os comportamentos normais do homem na vida em sociedade.

Se recapitularmos brevemente a história da noção de destrutividade, identificamos, já nos *Três ensaios sobre a teoria sexual* (1905), seu reconhecimento. Em *Totem e tabu* (1913), Freud localiza na esfera cultural os fenômenos do ódio e da agressividade como essenciais para fundamentar sua teoria social. Deriva de um crime contra o pai a sociedade civilizada, a religião, a moral, bem como os desejos que compõem o complexo de Édipo e o que viria a ser o superego, concluindo ser impossível pensar a cultura sem, no entanto, tomar em consideração as tendências destrutivas do homem e seus efeitos na história da humanidade (Freud 1913). Nos *Trabalhos sobre metapsicologia* (1915b), Freud se refere a um componente destrutivo inerente à sexualidade e explica as tendências destrutivas e autodestrutivas a partir das pulsões sexuais, não reconhecendo uma natureza libidinosa entre as pulsões de autoconservação, nem, tampouco, concordando com a hipótese de um monismo pulsional. *Além do princípio do prazer* (1920) introduz a hipótese da pulsão de morte. Com *Psicologia das massas e análise do ego* (1921), é inaugurada a análise dos fatos culturais apoiada na segunda teoria das pulsões e, nesse texto, Freud explicita as operações em jogo no comportamento violento do indivíduo dentro do grupo e explica as condições que um grupo ou uma massa oferecem para a exteriorizarem os atos destrutivos. *O futuro de uma ilusão* (1927) mapeia as estratégias da civilização para combater as pulsões de morte: a religião é a sua ferramenta por excelência. Fazendo um contraponto à ação de Eros,

*O mal-estar na civilização* elucidada as ações de Tântatos, movimento que terá continuidade com *Por quê a guerra?*<sup>4</sup>

Nos textos culturais citados, fenômenos da vida quotidiana são elucidados e a cultura torna-se, como afirma Ricoeur (1965), “o palco da luta dos gigantes”. Todos os fenômenos da vida biológica, psíquica e cultural passam a ser explicados através da mescla das duas pulsões fundamentais: uma delas promovendo todos os tipos de movimentos de ligação, multiplicação e união, e a outra esforçando-se para desligar, destruir, matar e eliminar as produções vitais. Nesse sentido, conforme Freud redige os textos culturais posteriores “a virada de 20”, o conceito de pulsão de morte estende-se, servindo de base para a interpretação dos fenômenos da cultura. A pulsão agressiva, como sugere Enriquez (1983), “[...] percorre todos os campos do comportamento humano e vai se exprimir tanto através de condutas sociais banais – exploração do trabalho de outrem –, como através de condutas consideradas associais: martirizar e matar alguém” (Enriquez 1983, p. 97). Em fatos cruéis marcantes da história e nos comportamentos da vida quotidiana, Tântatos estará sempre presente. Nas ações humanas, das mais simples às mais complexas, a violência participa das relações interpessoais e de todas as formações

<sup>4</sup> Como o judeu se tornou o que é e por que atraiu sobre si este ódio eterno? *Moisés e a religião monoteísta* (1939 [1934-38]), o último texto cultural redigido por Freud, trata do problema da origem de Moisés, apoiando-se na hipótese do parricídio anunciada em *Totem e tabu*. O autor se propõe a compor uma nova história das origens das religiões monoteístas, não no nível do totemismo, mas do monoteísmo ético do povo judeu. Para fazer isso, ele salienta a necessidade de ser reconstituído, “com certa verossimilhança, o acontecimento do assassinato de um pai que seria, para o monoteísmo, aquilo que o assassinato do pai primitivo havia sido para o totemismo e que desempenharia, em relação a esse último, o papel de substituto, de reforço e de amplificação” (Freud 1939 [1934-38], p. 126). A concepção freudiana era a de que o judaísmo obedecia ao mesmo roteiro de *Totem e tabu*. Após o assassinato de Moisés, ele havia gerado o cristianismo, baseado no reconhecimento da culpa: o monoteísmo, portanto, era a história interminável da instauração dessa lei do pai, sobre a qual Freud erigiu toda a sua doutrina da proibição do incesto e do Édipo” (Roudinesco e Plon 1997, p. 551).

grupais, não importando o entorno: cidades, estados, nações; enfim, ela está em toda parte e o homem não pode se furtar disso.

É com base nessa justificativa que supomos que o sentido do conceito de pulsão de morte se estende ao ser localizado na esfera dos fenômenos normais da história e da vida quotidiana. Nesse movimento de ampliação, Freud parece reivindicar seu estatuto universal. A pulsão de morte é identificada em toda e qualquer ação humana de caráter agressivo ou destrutivo, esteja ela mesclada de erotismo ou não, seja ela normal ou patológica. A pulsão de morte, enfim, parece abandonar sua expressão “silenciosa” quando o olhar de Freud se volta para a vida compartilhada e para a premissa de que o conflito é inerente à vida em sociedade. O conflito é parte integrante da constituição pulsional do homem e da relação estabelecida com ele pela civilização – relação de privação e frustração das suas tendências sexuais e destrutivas. A opinião de Ricoeur é, contudo, mais audaciosa; aquém de uma teoria da cultura, diz o comentador, a morte não se manifestou ainda: “A cultura é seu espaço de manifestação, razão pela qual uma teoria puramente biológica da pulsão de morte devia permanecer especulativa. É somente na interpretação do ódio e da guerra que a especulação sobre a pulsão de morte torna-se decifração” (Ricoeur 1965, p. 251). E parece ser, justamente, com os textos culturais redigidos após *Além do princípio do prazer* (1920) que Freud amplia os exemplos de atuação da pulsão e morte e, com isso, aumenta a força do “material concreto”, diminuindo, conseqüentemente, a força do material especulativo sobre o qual ele se apóia quando define o conceito pela primeira vez. Diante do material especulativo, ele se queixa, afirmando, nas entrelinhas do texto metapsicológico de 1920, que a fidedignidade de sua teoria estaria mais preservada se recorresse aos fatos observados. O terreno da cultura brinda-o amplamente com os fatos observados, que marcaram o início da história e todos aqueles que se sucederam. Sob circunstâncias propícias, ele dirá em *O mal-estar na civilização* “[...] na ausência de forças psíquicas que podem inibi-la, a pulsão de morte exterioriza-se espontaneamente, desmascara os seres humanos como bestas selvagens que nem

sequer respeitam os membros da própria espécie. As experiências da vida e da história não nos permitem contradizer isso” (Freud 1930 [1929], p. 109). Parece também que a história de alguns conceitos metapsicológicos, como essa que acabamos de contar sobre a pulsão de morte, não nos permite contradizer a idéia de que a metapsicologia e a reflexão sobre a cultura andam lado a lado e se influenciam mutuamente no processo de construção do pensamento freudiano.

### Referências

- Enriquez, Eugène 1983: *Da borda ao Estado*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996.
- Freud, Sigmund 1905: *Três ensaios sobre a teoria sexual*. v. VII. Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_ 1913: *Totem e tabu*. v. XIII. Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_ 1915a: *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. v. XIV. Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_ 1915b: *Trabalhos sobre metapsicologia*. v. XIV. Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_ 1920: *Além do princípio do prazer*. v. XVII. Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_ 1921: *Psicologia das massas e análise do ego*. v. XVIII. Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_ 1923: *O ego e o id*. v. XIX. Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_ 1924: *O problema econômico do masoquismo*. v. XIX. Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_ 1927: *O futuro de uma ilusão*. v. XXI. Buenos Aires, Amorrortu, 1989.

- Freud, Sigmund 1930 [1929]: *O mal-estar na civilização*. v. XXI. Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_ 1933 [1932]: *Por quê a guerra?* v. XXII. Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_ 1939 [1934-38]: *Moisés e a religião monoteísta*. v. XXIII. Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- \_\_\_\_ 1940 [1938]: *Esboço de psicanálise*. v. XXIII. Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
- Gabbi Jr, Osmyr 1997: "Notas sobre a relação entre cultura e metapsicologia". *Tempo psicanalítico*, n. 29, pp. 29-39.
- Mezan, Renato 1985: *Freud: pensador da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1997.
- Monzani, Luiz Roberto 1989: *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas, Unicamp.
- Ricoeur, Paul 1965: *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- Roudinesco, Elisabeth e Plon, Michel 1997: *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.